

AÇÃO CULTURAL

Terra à vista: 4.398.100ha salvos

Artistas, guerreiros, cientistas e amigos da Vida unem-se no resgate da mata virgem

Rubens Araújo

Enquanto os índios yanomami vivem a agonia dos mandos e desmandos do caótico final de governo Sarney, uma esperança paira sobre os kayapó mekragnoti, que vivem no extremo sul do Pará. Ontem à tarde o Presidente da República prometeu aos conselheiros da Fundação Mata Virgem, a vários índios e artistas demarcar os 4.398.100 ha desses indígenas. Uma batalha antiga que foi encampada o ano passado pelo roqueiro Sting (presente na audiência), idealizador da fundação e que parece agora chegar a um final feliz.

A demarcação da área dos mekragnoti, ameaçada pelo mesmo governo Sarney, que queria reduzir o território já delimitado criando pequenas reservas junto a "florestas nacionais", estava dependendo de recursos financeiros. As verbas (até agora de 1 milhão de dólares) foram conseguidas pela Fundação Mata Virgem. Diante disso, o Presidente da República não teve outra coisa a fazer que não ligar para o diretor do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis — Ibama, Fernando Cesar Mesquita, pedindo que preparasse toda a papelada. Prometeu assinar o documento de demarcação até o fim do mandato.

Ha muito que o tal do apito não era entregue aos índios. Todos os gritos de guerra dados por eles no ano passado, e que tiveram eco nos mais distantes países, redundaram num início de década tenebrosa. O caso dos yanomami, em Roraima, é uma prova de que não se avançou muitos milímetros na questão indígena. A raça continua marginal e pouco considerada. A ela, o governo federal continua querendo dar uma área restrita circundada pelo que chama de "floresta nacional".

O cacique txucarramaé, Raoni, e Megaron, diretor do Parque Nacional do Xingu, já falaram veementemente que não aceitam a restrição das áreas indígenas por conta de um projeto governamental que consideram desvantajoso. "Aceitar isso seria trair a nossa raça. Eu prefiro ficar do lado do meu povo do que ficar do lado do general", diz Megaron. O general, no caso, é o chefe do Gabinete Militar, Bayma Denny, com quem os dois líderes indígenas mantiveram alguns contatos.

Yanomami

O cacique Raoni, um dos inspiradores da Fundação Mata Virgem, comentou que o general Bayma Denny "sempre vinha com a mesma conversa" de delimitar uma área menor para os kayapó mekragnoti, prometendo transformar a área restante na área total dos mekragnoti seria de 4.980.100 ha em floresta nacional. Isso implicaria na permissividade do uso econômico dessa floresta. E o caso dos yanomami, que, de acordo com decisão do ministro da Justiça Saulo Ramos, terão que conviver com os garimpeiros fixados numa área entre aldeias considerada exatamente como "floresta nacional".

A decisão do ministro Saulo Ramos contraria totalmente o decreto do presidente José Sarney, de 12 de dezembro de 1989, que visava a defesa dos yanomami e a expulsão dos 45 mil garimpeiros que atuam na área. Agora de acordo com a nova lei, os garimpeiros poderão ocupar algumas áreas dentro dos



O cacique Raoni, criador da Fundação Mata Virgem, lidera o movimento pela preservação

9.419.108 hectares pertencentes aos yanomami. Uma atitude que, segundo Antônio Brandt, secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário — CIMI, que esteve presente na reunião de ontem de manhã, no Naoum Hotel, promovida pela Fundação Mata Virgem, significará o "extermínio" desses indígenas.

Alicida Ramos, antropóloga e professora da UnB, numa participação emocionada durante essa reunião, lamentou chocada o "abuso" dentro da área yanomami e alertou para a estratégia parecida que o governo estaria querendo aplicar na área dos kayapó mekragnoti. A reação de Megaron e Raoni mostra, contudo, que os indígenas não vão abdicar da área de 4 milhões de hectares que o governo Sarney prometeu demarcar. Raoni acha que essa é a única forma de se acabar com a violência contra sua raça: "Nós é que nascemos primeiro no Brasil. Antes de português chegar, nós já estava aqui. Os brancos já mataram muita gente, muita criança. Agora chega".

Megaron também falou em dignidade e luta na reunião organizada pela Fundação Mata Virgem: "Meu tio Raoni viajou por 15 países para falar de nossa situação, da demarcação da área dos kayapó. Nós queremos respeito. O cacique Kubenroki (chefe dos mekragnoti) é o líder kayapó mais velho, o mais respeitado. Ele é como o Ulisses Guimarães dos brancos. Se bem que eu não sei se o Ulisses continua sendo respeitado por aqui. Se sei que para defender nossos irmãos, nós vamos lutar até o fim".

Até há alguns anos atrás Megaron e Raoni lutavam sozinhos pela demarcação da área, até que os olhares estrangeiros se voltaram para uma Amazônia agonizante. Vieram o assassinato de Chico Mendes, o líder dos seringueiros, e as queimadas, que ganharam as manchetes. Mesma época em que o cantor inglês Sting apaixonou-se pelos habitantes do Xingu, partindo para uma batalha mais corpo-a-corpo em defesa dos indígenas. Para isso ajudou a criar a Fundação Mata Virgem.

O objetivo principal da Fundação Mata Virgem, de acordo com seus idealizadores, era exatamente a demarcação da área indígena mekragnoti, colada ao baixo Xingu. Segundo Sting, a primeira conversa que ele e Raoni tiveram com o presidente Sarney não foi muito alentadora: "Ele não disse nem não nem sim". O argumento do chefe de governo era de que faltavam recursos financeiros para pagamento dos trabalhos topográficos.

A partir disso foi que Raoni e Sting fizeram a famosa turnê por 15 países em busca de recursos para a demarcação da área. Uma turnê que deu certo. "Foram arrecadados 1 milhão de dólares para o trabalho", informou Olympio Serra, um dos membros do Conselho Executivo da Fundação Mata Virgem. A arrecadação do dinheiro permitiu que o sonho de demarcação ficasse mais próximo. "Só falta mesmo a assinatura do decreto pelo presidente Sarney", disse o conselheiro. Uma assinatura que leva o carimbo da urgência, afinal, Sarney vive seus últimos dias de Pompeia e ninguém

sabe o que virá depois dele. "Estamos correndo atrás do Sarney porque ele prometeu a demarcação. Se não der com ele, esperamos que o substituto o faça", comenta Olympio objetivamente.

E por isso que a Fundação Mata Virgem reuniu, ontem de manhã, seus conselheiros, índios e mais uma tropa de artistas de peso. "Este é um momento único e imperdível", salientou Olympio Serra. Rita Lee, que resolveu entrar agora mais firmemente na luta indigenista, "em nome de meus filhos e das gerações futuras", concordou: "Este é mesmo o momento. Como Raoni disse, basta dessa ditadura carapáida. Eu tenho descendentes americanos, tenho sangue cherokees nas veias. Os cherokees não aguentaram a pressão do governo e resolveram se suicidar. Eu não quero que isso aconteça nunca com os índios brasileiros". Roberto de Carvalho, marido e parceiro de música de Rita Lee, acha que os artistas devem se engajar de vez nessa batalha: "Somos poucos ainda, mas isso logo vai mudar".

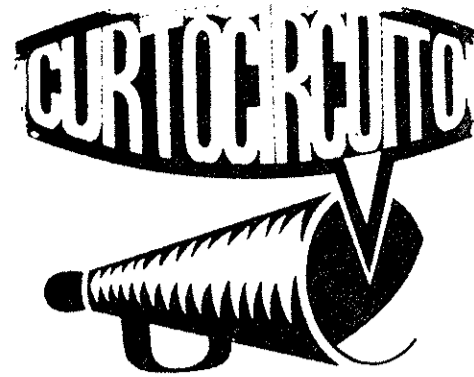
Arnaldo Antunes, uma das cabeças dinossauros do grupo de rock paulista Titãs, aumentou, durante a tarde, a corrente de artistas que pressionaram ontem Sarney. "Temos o papel no dia-a-dia de conscientizar as pessoas. E isso está nas nossas músicas. E se essa luta não está refletida diretamente no trabalho, é porque ela foi filtrada. Tudo se reflete em tudo". O coro dos descontentes foi engrossado ainda por Gilberto Gil, que tirou 1990 para uma batalha ecológica particular, o Movimento Onda Azul (em defesa das praias menos poluídas), e até pela esposa do roqueiro Sting, Trudie Styler. Cerca de 30 pessoas, entre conselheiros da Fundação Mata Virgem, índios e artistas, compareceram convictos ao Palácio do Planalto, mesmo sem estarem com audiência marcada com o presidente Sarney.

Tranquila

Os conselheiros, índios e artistas iriam tentar de tudo ontem para falar com Sarney. Tinham inclusive armado uma estratégia, caso a visita ao Palácio do Planalto não rendesse o que esperavam: conversar com o ministro da Cultura José Aparecido e tentar o contato presidencial através dele. Não foi preciso tanto. A pressão abriu as portas do palácio e a negociação se deu tranquila.

Sting tinha esperança de que tudo corresse bem. Antes do encontro, falou que continuaria tentando a demarcação da área mekragnoti até conseguí-la: "Se o problema não desaparecer, a Fundação Mata Virgem também não desaparecerá. Ela continuará atrás de seu objetivo". O roqueiro já estava inclusive prevendo uma conversa com Fernando Collor de Mello, caso Sarney não se dispusesse a cumprir a promessa. E arrematou: "Todos os brasileiros querem essa demarcação".

Sting vai muito mais longe. Acredita que a resolução do problema dos kayapó mekragnoti e dos índios yanomami é fundamental para todo o mundo. Consciente da questão dos yanomami, ameaçados, mostrou-se solidário. afirmou que a Fundação Mata Virgem, nesse caso específico, já tem um "plano de auxílio médico". Outra tipo de ajuda virá com o tempo: "Parece que a situação lá está mudando todo dia".



Senegal

O Balé do Senegal, em sua terceira visita a Brasília (a primeira se deu nos anos 70 e a segunda em março de 87) lotou a Sala Villalobos. A deputada Benedita da Silva e embaixadores da África acreditados no Brasil sorriam satisfeitos, em seus trajes de gala. O público estava tão entusiasmado, que teve até paciência de assistir à demorada apresentação de capoeiristas brasileiros. Quem mais arrancou aplausos — fora os frenéticos solos dos oito bailarinos — foram dois instrumentistas de explícita influência árabe (um com o balafon e o outro com o kora, espécie de cítara africana). Se o astral da festa se multiplicar, pais afora, o Memorial da Ilha da Goré, terá pleno êxito no Brasil e nos países que receberam a diáspora africana.



Cupins

Como as comemorações do centenário da República vão até 1991, data da promulgação da primeira Constituição Republicana, novos fatos em torno do tema continuam brotando. Recentemente, o jornal "Cine Imaginário" dedicou edição ao tema "O Cinema e a República". Agora, é a vez da revista "Crisis-Brasil", editada em São Paulo, por Marcos Faerman, dedicar sua capa à centenária República. Cartum de Jaime Leão, com a imagem de Deodoro, é acompanhado do título "A República dos Cem Anos: Tragédia ou Comédia". E aí aparece irônico artigo de Nicolau Sevcenco, acompanhado de ilustrações reproduzido da revista "Caretta". No terreno do audiovisual, a sexta-feira traz uma novidade: às 14h00 será exibido na TV Nacional (e na Rede Educativa, em todo o país) o vídeo "Marechal Deodoro", de César Fonseca. Jorge Oliveira e Yanko del Pino. O vídeo, de apenas 20 minutos, mostra a cidade de Deodoro, localizada a 25 Km de Macéio, nas Alagoas, que vive o perigo de perder seu valioso patrimônio histórico. Os cupins estão acabando com as relíquias oitocentistas da terra do marechal que proclamou a República.

Desaquece

A luta para evitar a emissão de gases causadores do "efeito estufa" deve ser considerada um problema de segurança nacional, segundo concluíram técnicos soviéticos e norte-americanos reunidos em um simpósio sobre as alterações do clima da Terra, realizado em Sundem, Utah, EUA. Os cientistas concordam em que se forem mantidas as atuais sobrecargas sobre a atmosfera, a temperatura média anual do planeta poderá elevar-se três ou quatro graus dentro de 50 anos, o que vai provocar perturbações irreversíveis no equilíbrio ecológico da Terra.

Os Estados Unidos, com 21%, e a União Soviética, com 14%, são os maiores responsáveis mundiais pelo lançamento dos gases na atmosfera. As perdas dos maciços florestais do planeta ao ritmo de meio hectare por segundo e o alargamento do buraco na camada de ozônio também são problemas que alarmam os estudiosos. Segundo eles, a modificação das faixas climáticas da terra afetará imediatamente as regiões agrícolas onde se cultivam gramíneas, o que significa que a produção de alimentos cairá drasticamente devido à previsível redução das chuvas. O nível dos oceanos, por sua vez, subirá, devido ao derretimento das geleiras, criando milhões de "refugiados ecológicos" obrigados a abandonar suas casas e mudar para lugares mais altos. Hoje já existem 25 milhões de "refugiados ecológicos" em todo o mundo.

Os cientistas propõem uma única solução para o problema do meio ambiente a longo prazo: passar a usar tecnologia de poupança, tanto de recursos, como de energia. Os países desenvolvidos devem ser os primeiros a aplicar essa política, que permitirá, pelo menos, conceder mais um pouco de tempo à humanidade.

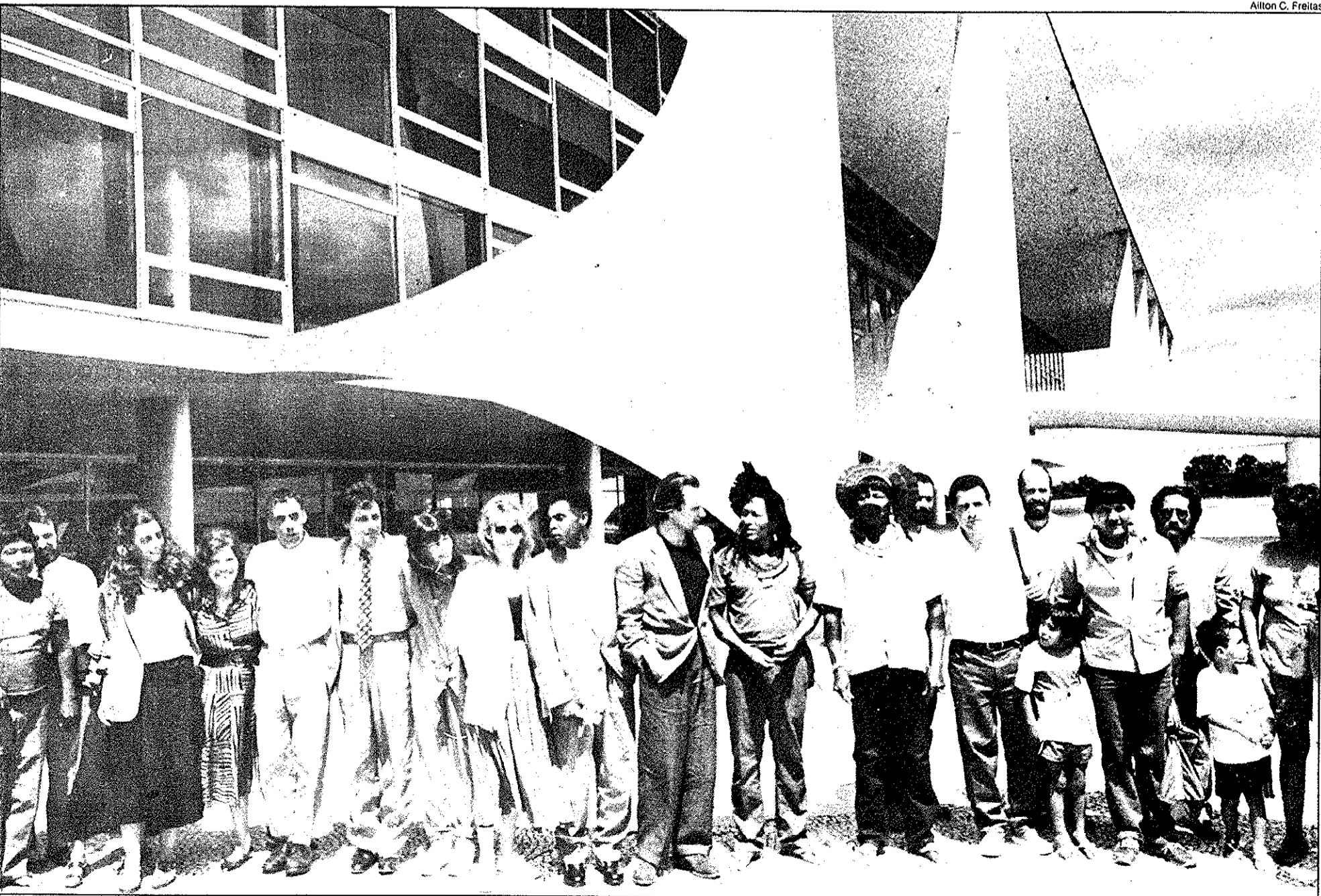
Monumento

"Uma dramática e denunciadora obra, lembrando o longo período de tortura e morte que pesou sobre o Brasil". Oscar Niemeyer define o monumento "Tortura nunca mais", que será colocado na Praça Paris, no Rio de Janeiro, em uma homenagem do arquiteto e do Grupo Tortura Nunca Mais, aos que sofreram durante o regime torturador.

Em concreto armado, uma lança de 25 metros de comprimento, em forma de arco, transpassa uma figura humana.

Desde o início um projeto polêmico, que provocou manifestações de apoio e rejeição à obra, atingindo seu objetivo de realização, que é resgatar a memória da violência política instalada no País pós 64.

Niemeyer entregou ao grupo cem esculturas, réplicas do Monumento.



A cidadania tomou posse ontem no Palácio do Planalto: cúmplices da vida decidiram que a Natureza começa com a natureza humana